

ANTIGUIDADE E MODERNIDADE: IMPÉRIO ROMANO E O BRASIL DO SÉCULO XX

Cláudio Umpierre Carlan¹

Resumo

A influência clássica no Brasil sempre esteve presente. A conquista portuguesa, as diversas migrações, influenciaram diretamente na cultura brasileira. Nosso objetivo é identificar as representações monetárias, existentes nas cunhagens modernas, influenciadas pelo mundo romano. Para isso, analisaremos a coleção numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, importante acervo arqueológico numismático da América Latina.

Palavras-Chave

Antiguidade; Império; moedas; Arqueologia; História.

¹ Professor Associado – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Brasil. E-mail: carlanclaudio@gmail.com.

Abstract

The classical influence in Brazil has always been present. The Portuguese conquest and the various migrations directly influenced Brazilian culture. Our objective is to identify the monetary representations, existing in modern coinage, influenced by the Roman world. To do this, we will analyze the numismatic collection of the National Historical Museum, Rio de Janeiro, important numismatic archaeological collection in Latin America.

Keywords

Antiquity; Empire; coins; Archeology; History.

Introdução

Uma das atribuições da Arqueologia moderna é fazer uma leitura, ou releitura, da iconografia. Analisa-se o papel das imagens na construção do conhecimento histórico e arqueológico. Assim sendo, podemos inserir a moeda nessa última fase, que, durante muito tempo, ficou confinada a reservas técnicas dos museus, sendo apenas um objeto de conservação, não de pesquisa. Segundo Funari,

[...] Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse nosso foco de atenção (Funari, 1995: 24).

As moedas antigas serviram de inspiração para inúmeras civilizações posteriores, como é o caso da turca analisada a seguir. As emissões antigas servirão de modelo para amoedações atuais, como podemos analisar nessa moeda de 50.000 mil liras turcas.



Imagem 01: Foto e Acervo particular: Cláudio Umpierre Carlan, 2023. Na Imagem, Teshub, deus hitita da prosperidade e do tempo, segurando uma espiga de milho (expressão do Homem, Mundo e do Sol). A imagem da divindade está presente em um relevo de Ivриз (século VIII a.C.), hoje Konya na Turquia. Apesar de o islamismo ser a religião predominante, aproximadamente 98% da população, as representações de divindades não monoteístas são aceitas, e protegidas pela constituição do país. Na legenda: “Um mundo onde ninguém passa fome”, referente à FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), criada em 1945, com objetivo de modernizar e melhorar a agricultura. Na imagem de anverso, a coroa de louros, influência romana, com os brasões turcos (meia lua com estrela), com a legenda, Türkiye Cumhuriyeti, República da Turquia. Peso de 1,50 g, emitido pela Casa da Moeda da Turquia em 2002, com diâmetro de 20 mm. Material utilizado: alumínio e cobre níquel.

Assim, mesmo em um país predominantemente islâmico, como a Turquia, foram buscar no passado hitita, uma maneira de legitimar o seu presente. Identificar uma divindade do passado, para uma importante ação, voltada para agricultura.

Nesse sentido, a moeda como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

Sem dúvida alguma é no terreno das idéias políticas e da propaganda onde é mais fecundo o serviço da Numismática à História...[Devemos] refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Augusta*...são slogans, propaganda (Roldán Hervás, 1975: 166).

Podemos identificar essa função legitimadora da moeda, como um instrumento de propaganda política em vários períodos da História. Tanto no mundo antigo, quanto na República Velha brasileira, conforme o modelo abaixo:



Imagem 02: Foto e Acervo particular: Cláudio Umpierre Carlan, junho de 2023. Anverso: Imagens de D. Pedro I (1798-1834) e do Presidente Epitácio Pessoa (1865-1942), sobrepostas, simbolizando a união de ambos os governos. Essa moeda foi cunhada em homenagem aos 100 anos da Proclamação de Independência, como podemos identificar nas legendas ACCLAM . INDEPENDENCIA X. PPRESID DA REPUBLICA. Entre as duas representações, identificamos a imagem do Cruzeiro do Sul. Essas imagens sobrepostas eram comuns no Império Romano. Série comemorativa a Independência, no valor de 1000 reis, bronze-alumínio.

No reverso alusão ao 1º Centenário da Independência, descrito na legenda, com a data de 7 de setembro, 1822-1922. Ambos os símbolos políticos de cada período estão representados: a coroa (esquerda), Monarquia (elevação, poder, iluminação. Se elevam acima da cabeça e são insígnias do poder e da luz (Chevalier; Gheerbrant, 1997: 288-289); e o barrete frígio (direita), a República. Desde a Antiguidade o barrete frígio simboliza a liberdade. Quando o gladiador em Roma era liberto, ele recebia dois símbolos da conquista dessa liberdade: a espada de madeira (rudis) e o

barrete frígio. Os revolucionários franceses também usaram essa simbologia.

Essas imagens, associavam dois governantes ao poder, um sendo sucessor do outro. O mesmo fez o rei visigodo Égica (610 – 702), na primeira metade século VII, conseguiu fazer de seu filho, Wittisa (? – 710), seu sucessor. Com esse objetivo, associou-o ao seu governo. Esses dois personagens aparecem reunidos nas moedas do período: o rei no anverso e o herdeiro no reverso. Pelo mesmo motivo, os reis Égica e Wittisa surgem juntos e coroados em algumas peças do final do século VII. Nos terços de soldo, moeda de ouro, na legenda, escrita em latim, lê-se: EGICA REX WITTISA REX CONCORDIA REGNI. Pai e filho apresentam-se ante seu reino como uma dinastia, embora ainda um não tivesse sucedido ao outro. Nessas moedas, o rei e o príncipe estão representados de lado, face a face, com uma cruz entre ambos. Em alguns exemplares cunhados em Toledo, Égica e Wittisa seguram e erguem a cruz.

O Museu Histórico Nacional: Cem Anos de Independência

A construção das nações desde o século XIX, até o início do XX, baseava-se num processo de expansão e unificação nacional. Essa construção político-social, geográfica e econômica, articulava-se a reestruturação ritual e simbólica da nação para a qual intelectuais, artistas e produtores culturais foram cooptados (Chagas Godoy, 1995: 36). Essa simbologia passava, por exemplo, através da criação de bandeiras, hinos, selos e outros. Através da arquitetura, pintura, escultura, música, medalhística e literatura, a nação vai sendo construída simbolicamente.

Segundo Hobsbawn, se houve um momento em que o princípio da nacionalidade do século XIX triunfou, esse foi ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918 (Hobsbawn, 1990: 159). Exatamente nesse momento, iniciava-se os preparativos para a comemoração dos 100 anos de independência, e o Brasil necessitava de um museu que indicava a trajetória da nação, no tempo, destacando os traços da História Nacional.



Imagem 03: Acervo e Foto: Cláudio Umpierre Carlan. Alfenas, Janeiro de 2023. Anverso: Coroa de louros circundando estrela (ao centro) e o valor de 1000 réis. Acima, Brasil, abaixo o ano de cunhagem 1924, durante a Presidência de Artur Bernardes (1922-1926). Essa moeda entrou em circulação, 2 anos após as comemorações de 100 anos de Independência. A coroa de louros, simbolismo da imortalidade, emblema romano da vitória, tanto nas armas como do espírito (Chevalier; Gheerbrant, 1997: 581). No reverso, imagem da República (imagem feminina), com cornucópia, símbolo da felicidade e fecundidade, representação de várias divindades greco-romanas (Fortuna, Constância, Ceres, Baco, Abundância).

O MHN, foi criado pelo decreto número 15596, de 02 de agosto de 1922 pelo então presidente da República, Epitácio Pessoa (1919-1922), com a função de museu voltado para a História do Brasil. Iniciou as suas atividades no dia 11 de outubro daquele mesmo ano, integrado à Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, instalado em duas galerias nas dependências do antigo Arsenal de Guerra, (transferido para a ponta do Caju em 1908), ampliadas e decoradas para servirem como "Palácio das Grandes Indústrias", um dos pavilhões mais visitados da Exposição.

A política de aquisição trazia para o museu insígnias militares, religiosas e nobiliárquicas, que reunidas, retratavam a glória do passado, a nobreza do povo brasileiro, as forças emergentes da nação. Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), foi um dos grandes incentivadores, doando vários objetos pessoais para coleção. Assim sendo, foi entregue ao público, bens culturais até então dispersos, em outros órgãos institucionais, ou pouco valorizados (Chagas; Godoy, 1995: 39). Podemos citar como exemplo a coleção de numismática que se encontrava na Biblioteca Nacional, desde o final do século XIX.

Atualmente o MHN ocupa todo o conjunto arquitetônico da antiga ponta do Calabouço, local se encontrava instalado originalmente o Forte de Santiago, construído em 1603, ao qual se acrescentou a Prisão do Calabouço (1693) - destinada a escravos fugitivos - a Casa do Trem (1762) - depósito do "trem de artilharia", responsável pelo deslocamento de armas

e munições, o Arsenal de Guerra (1764) e o Quartel (1835) (Carlan, 2013: 29).

Não se pode falar sobre a coleção numismática do MHN, sem mencionar o fundo reunido anteriormente na Biblioteca Nacional, que serviu de base. Criada em 1810, durante a regência de D. João, a Biblioteca Nacional havia inaugurado em 1880, sob a direção de Ramiz Galvão, uma ofensiva para reunir uma coleção de moedas e medalhas, sobretudo brasileiras, que se encontravam em caráter transitório no Museu Nacional. Galvão não conseguiu que o fundo numismático viesse para a Biblioteca durante a sua administração. Mas é considerado com o iniciador da coleção numismática naquela instituição.

Em um relatório de 1881, dirigido ao Barão Homem de Melo, ministro de Império, que doou 114 moedas e 10 medalhas Galvão utilizou diferentes argumentos para alcançar seus objetivos:

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Exmo. Snr., não possuía moedas nem medalhas por um vício de organização que é fácil de explicar; quando criada, pensou-se que esses trabalhos eram antes objetos de curiosidades, e por isso os deixaram fazendo parte do Museu Nacional...É todavia incontestável que moedas e medalhas são antes de tudo documentos subsidiários da história, e que por consequência o seu lugar próprio não é ao lado das coleções de história natural...o lugar da numismática é ao lado da história, e o da história é na Biblioteca Nacional. Pensando assim todas as grandes bibliotecas da Europa tem a sua seção de numismática... (Vieira, 1995: 98).

Segundo Poliano, é bem possível que Gustavo Barroso, primeiro diretor do MHN, usou uma argumentação semelhante para conseguir a transferência da coleção da Biblioteca Nacional para o Museu Histórico (Poliano, 1946: 9-10). O primeiro lote de peças, estava composto por 406 moedas e 6 medalhas, foi doado a biblioteca em setembro de 1880. Nos anos seguintes, o acervo continuou a crescer, por meio de compras, ou doações. Como, por exemplo, a doação da coleção do comendador Antonio Pedro de Andrade, compreendia 13.941 moedas e medalhas, entre outros núcleos expressivos; 4.559 moedas e 2.054 medalhas portuguesas; e 4.420 moedas da Antiguidade.

O comendador Antônio Pedro foi o maior doador individual da coleção numismática da Biblioteca Nacional / MHN (Vieira, 1995: 100). Nascido em Funchal, Ilha da Madeira, em 1839, emigrou para o Brasil com 16 anos. Trabalhou como jornalista no Correio Mercantil, e no Jornal do Comércio. Como bancário, trabalhou no Banco Comercial do Rio de Janeiro, do qual foi gerente, diretor e por fim presidente (Dumans, 1940: 216). Seus núcleos mais orgânicos, distribuem-se entre moedas de Portugal e colônias (4.599);

romanas e bizantinas (4.420 peças); moedas brasileiras (2.337 peças); medalhas portuguesas (1.101 peças) e brasileiras (950 peças). É também possível que alguns exemplares sejam precedentes das coleções da família imperial, legadas pelo imperador D. Pedro II, constituída desde o Primeiro Reinado e composta de 1.593 moedas e 545 medalhas, por ele doada ao Museu Nacional em 1891 e incorporadas pela Biblioteca Nacional em 1896.

Em 1922, quando o Museu Histórico Nacional foi criado, o decreto que o instituiu também determinou que o acervo numismático existente na Biblioteca Nacional – assim como em outras instituições como o Arquivo Nacional e a Casa da Moeda – fosse para ali transferido. No momento em que se efetivou a cessão, a coleção total ultrapassava as 48 mil peças. Hoje ela chega a aproximadamente, 130 mil.

Considerações Finais

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos e estéticos. Podendo informar sobre os mais variados assuntos de uma sociedade, ela testemunha determinadas relações culturais importantes para o historiador. Mas também não podemos esquecer que as amoedações como documentos, não são reflexo de uma simples troca comercial ou aquecimento na economia. Elas identificam um outro acontecimento paralelo, uma materialidade, constituída por camadas sedimentares de interpretações: “o documento, é assim, pensado arqueologicamente como monumento (Jenkins, 2001: 11).

Nesse sentido, as amoedações configuravam significados e mensagens do emissor (imperador, membros de sua família ou pessoas que circulavam próximas ao poder) para seus governados. Continham símbolos que deveriam ser entendidos ou decifrados pelo receptor. Como os símbolos urbanos, que representavam a cidade ou algum habitante importante, ou as insígnias dos imperadores romanos que vão reaparecer no Sacro Império Romano – Germânico, durante o governo de Frederico II (1194 – 1250) (Carlan, 2013: 176).

O estudo da coleção numismática do Museu Histórico Nacional, possibilitou-nos o levantamento de questões fundamentais, relativas à natureza do simbolismo e da propaganda existentes nas numárias. Questões que, no entanto, não tivemos a oportunidade de analisar com mais profundidade. Desta forma, não pretendemos que os resultados a que

chegamos em nosso trabalho sejam vistos como tendo um caráter definitivo e acabado. Novas hipóteses e novos objetivos nortearão os trabalhos realizados com esses acervos museológicos.

Saberes e fazeres antigos não podem ser desvencilhados de seus usos modernos. As moedas servem de exemplo dessa interação constante. Surgidas na Antiguidade grega, as moedas serviram não apenas de meio de troca, mas também como símbolos. Na modernidade, diversas sociedades, e não apenas ocidentais, inspiraram-se nas moedas antigas, como é o caso da cunhagem turca apresenta. Saberes e fazeres antigos e modernos estão sempre em interação, pois o passado só é relevante se está presente, na forma de recriações e reinterpretações, com neste caso.

Agradecimentos

Agradecemos aos colegas da Universidade Federal de São Paulo, em especial ao amigo Glaydson José da Silva, pela oportunidade de trocarmos ideias: a Pedro Paulo Abreu Funari, Ciro Flamarion Cardoso (*in memorian*), Lygia Martins Costa (*in memorian*), André Leonardo Chevitarese, Rejane Vieira (*in memorian*), Paula Aranha; assim como ao apoio institucional CNPq, CAPES, FAPEMIG E UNIFAL-MG.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Referências

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Moeda e Poder em Roma: um mundo em transformação*. São Paulo: Annablume, 2013.

CHAGAS, Mario de Souza; GODOY, Solange de Sampaio. Tradição e Ruptura no Museu Histórico Nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

COSTA, Lygia Martins. *De Museologia, Arte e Políticas de Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002.

FUNARI, P.; ORSE JR., C.; SCHIAVETTO, S. *Identidades, discurso e poder: Estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra C.A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HOBBSBAWN, E.J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IGLESIAS GIL, José Manuel; SANTOS YANGUAS, Juan. *VADEMECVM para la epigrafía y numismática latina*. Segunda edición revisada y ampliada. Santander: los Autores, 2008.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

POLIANO, Luis Marques. A Numismática no Museu Histórico Nacional. In: *Revista Numismática*. Números 1-4. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1946.

ROMAN IMPERIAL COINS IN THE HUNTER COIN CABINET, UNIVERSITY OF GLASCOW. London: Oxford University Press, 1977.

SANTOS, Lucila Moraes. Coleções no Museu Histórico Nacional: a coleção Souza Lima. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995.

VIEIRA, Rejane Maria Lobo. Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional ? In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995.